



POR QUE NÃO COMPRA-LOS... A BIBLIOTECA DO MARQUES DE NIZA E A PAIXÃO DE BUSCAR LIVROS

LUIZ FELIPE VIEIRA FERRÃO¹

Uma amizade, segundo o Dicionário de Rafael Bluteau, é “um reciproco amor de benevolência, fundada em boa razão e em virtude, vinculo da sociedade humana, sustento da vida civil...”² Uma amizade pode surgir dos mais variados cantos e das mais variadas formas, mas se não tiver algo incomum que ligue dois indivíduos dificilmente ela terá início. Se iniciada não irá perdurar pois queiramos ou não as distancias e diferenças acabam afastando. No século XXI nos acostumamos a tecer laços de amizade pelo meio digital. Muitas vezes nem vemos a pessoa cara a cara mas por termos interesses comuns acabamos nos relacionando. É verdade que nem sempre da certo, muitas vezes a distancia esmaga e desfaz os laços, mas se há um interesse comum genuíno, nem a distancia consegue vencer um laço de amizade que se forma.

Trago aqui nesta comunicação então dois amigos que nunca se viram mas que mantiveram fortes laços pois tinham interesses fortíssimo que os uniam. Primeiro, o interesse pelos livros e depois o interesse em montar uma biblioteca. Permitam-me apresenta-los. De um lado D Vicente Nogueira (1585,1654), cômego da Sé de Lisboa até 1632, acusado de Pedofilia e sodomia tendo sido julgado rapidamente em 8 de Janeiro de 1633 sem apelo ou agravo pois já era reincidente. Condenado a suspensão do exercício de suas funções, degredo para ilha do Príncipe nas costas africanas e confisco de todos os seus bens ainda tentou adiar o inevitável o que não foi possível. Em uma fuga arrojada, como afirma Antonio Baião em episódios dramáticos, vai para Madrid de lá para Bolonha e chegando em Roma em 1634 onde podia contar com a proteção do Cardeal Barberino.³

Na outra ponta deste laço temos D. Vasco Luis da Gama, nascido em plena União Ibérica, o Conde, agora Marquês, pode ser considerado um típico nobre de uma corte de aldeia - tal qual descrito por Eduardo França (1997) e Rodrigo Bentes Monteiro (2002) - que refugiados em suas vilas por não ter mais a vida cortesã em Lisboa, mantinham distância

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Rafael Bluteau, Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em 15 Set. 2017

³ Antonio Baião. Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa. Porto: Renascença Portuguesa. Vol 1, 1919.



de Madri, pois temiam a hispanização promovida pelos Felipes e seus vâldos. Um processo de ruralização da corte portuguesa causada pela falta da Corte em Lisboa. Não há nenhuma referência dele em Madri antes da restauração, assim como, também nenhuma participação sua nos tempos de Felipe IV. Em Portugal, ocupou vários cargos, todos próximos ao Rei, se fazendo presente na Junta Noturna de D. Luisa de Gusmão e no Conselho de Estado, tanto no reinado de D. João IV, como nas regências de D. Luisa e D. Pedro II, que o manteve mesmo depois de ter derrubado D. Luisa. Foi o nome dele, entre outros, que apareceu no tratado de paz firmado entre Portugal e Espanha em 1668.

A análise cruzada tanto das reflexões realizadas pelo Marques de Nisa em milhares de cartas espalhadas pelos arquivos portugueses, bem como a constituição da sua biblioteca e dos livros que dava importância demarcam o significado da análise desta cartas, haja vista a importância de se considerar, na análise das práticas cotidianas onde de uma maneira cíclica nascem os problemas, as incertezas e as escolhas das soluções dentro de um quadro que muitas vezes está limitado as regras sociais vigentes (LEVI, 2000)

Mas isso são outras histórias que serão contadas ao seu tempo. Agora, o que nos interessa aqui é o desejo do Marques em fundar uma biblioteca “pública” e o seu gosto por livros. Esse gosto é revelado logo quando o Marques chega à Paris em sua primeira embaixada. Em carta datada de 4 de maio de 1642 D. Vasco Luis da Gama pede a Jeronimo Nunes, então responsável pelos negócios de Portugal junto a Amsterdã, que compre uma serie de livros repetindo esta ordem aos representantes de diversas embaixadas portuguesas por toda a Europa. E nesse tempo que Vicente de Nogueira, por meio de Fr, Manuel Pacheco (1612-????) frade agostiniano residente em Roma, acaba por encontrar o conde da Vidigueira⁴. Em carta a Pero Mendes de São Payo datada de 20 de janeiro de 1646 assim se refere Vicente de Nogueira ao Conde da Vidigueira: “Louvo a grande curiosidade do senhor Conde, e tanto mais é de estimar quanto menos ordinária é em seus iguais” (Carta de Vicente Nogueira para Pedro Mendez de São Payo – 20 de Janeiro de 1646 – UM DIALOGO EPISTOLAR, 2011, p 80) Nesta carta ele procura discorrer sobre os livros que pediu a Manuel Pacheco, principalmente o polemico Maquiavel, onde Vidigueira pretendia ter licença para ler em Portugal o que havia sido publicado em Veneza com alguns capítulos a menos. Segundo Nogueira, falando sobre o livro de Maquiavel:

[...] livro tão excelente, que em poucos dias se venderam todos, e eu comprei um por boa dita para presentear-lo ao Secretário d’Estado Pedro Vieira da Silva, com intento de que em cada regra deste livro veja quam pouco sabem em Portugal de

⁴ Vale lembrar que o Marques de Nisa e o Conde da Vidigueira são a mesma pessoa.



governo e quanto obram contra as regras da arte, e que realmente só a nação italiana nasceu política, como se vê em Mazerino e Richelieu que inda que francês tinha alma italiana. Este livro pois deixo de apresentar ao secretário e presento ao senhor Conde, que se saberá bem aproveitar dele, estudando-o... (Carta de Vicente Nogueira para Pedro Mendez de São Payo – 20 de Janeiro de 1646 – UM DIALOGO EPISTOLAR, 2011, p 80)

Sobre o alcance da inquisição e a proibição que pairava sobre alguns livros que pedira afirmou:

A proibição dos livros ou é feita pelo Papa na inquisição de Roma – e esta vale em todo o mundo, e assi quem quer que os ler, além do pecado mortal, incorre em excomunhão – e destes tais livros só o Papa pode dar licença, ou é feita polas inquisições particulares de Castela ou de Portugal, e esta só obriga no distrito das ditas inquisições, fora da qual cada um pode lê-los sem pecado nem censura. E destes podem os mesmos inquisidores dar licença. E qual inquisidor o negaria ao senhor Conde dos livros que eles lá têm proibido? E assim me parecem supérfluos nesta lista todos os nomes riscados, quanto para nomeá-los na licença do Papa, que nem os viu, nem conhece, nem sabe se contêm heresias, e é mais barato pedi-la lá ao senhor inquisidor geral seu primo. E inda muitos destes nem que sejam proibidos sei, mas quando o sejam, sei de certo que o não são pelo Papa. (Carta de Vicente Nogueira para Pedro Mendez de São Payo – 20 de Janeiro de 1646 – UM DIALOGO EPISTOLAR, 2011, p 79)

Não sabemos se o Marques de Nisa recebeu o presente, alias nem Vicente de Nogueira teve certeza, como escreve em 21 de outubro de 1647, mas a julgar pela não referencia a falta do mesmo julgamos que recebeu.

Muitas são as cartas trocadas entre Nisa e Vicente Nogueira. Do momento da primeira carta até a ultima conhecida contamos mais de uma centena no espaço de 1647 até 1654 (ano em que Nogueira falece). Alias, vale lembrar que quase toda a correspondência conhecida de Vicente Nogueira é, em sua grande parte, com o Marques de Nisa. Abaixo listamos a sequencia de cartas conhecidas e trocadas entre os dois e seus destinatários:

- 1647 são 29 cartas, sendo 20 de Nisa para Nogueira e 5 do Nogueira para Nisa. Em 1648 - 15 cartas (10 de Nogueira para Nisa e 5 de Nisa para Nogueira)
- 1649 - 30 cartas (25 de Nogueira para Nisa e 5 de Nisa para Nogueira)
- 1650 – 10 cartas (8 de Nogueira para Nisa e 1 de Nisa para Nogueira)]
- 1651 – 14 cartas (8 de Nogueira para Nisa e 6 de Nisa para Nogueira)
- 1652 – 6 cartas (3 de Nogueira para Nisa e 3 de Nisa para Nogueira)
- 1653 – 1 carta e 1654 1 carta

Vemos nesta sequencia que em alguns momentos predominou Nisa como remetente em outros Nogueira. Nestas cartas além de livros, pois “só em Roma se acha o melhor de cada



pais” (Carta de Vicente Nogueira para Marques de Nisa – 5 de Março de 1650 – UM DIALOGO EPISTOLAR, 2011, p 336), também são discutidos os rumos da Política Romana, as tentativas de reconhecimento e etc. Mas, segundo José Adriano Freitas de Carvalho, o que realmente predomina são os livros, que livros devem ou não o marques de nisa adquirir, onde comprar, os preços, se o marques deve ou não adquirir livros de segunda mão e etc. Não importava a quantidade mais sim a qualidade (CASTILLO GÓMEZ, 2003). Esse ponto é bem destacado por Vicente Nogueira que não esconde a sua contrariedade ao ver no rol de livros de Nisa teorizadores medievais como João Duns Escoto

Quando no rol de V. S. achei na sua livraria as obras de Scoto em doze volumes cuidei esmorecer de riso, e agora ao escrever me não estou pouco arreganhando, lembrando-me a raiva e graça com que o Condestable meu amo, avô do nosso Rei se impacientava contra seu sobrinho, o Duque de Alcalá, de vê-lo gastar dinheiro em livros scolásticos, e dizer-lhe que ele os haveria queimado se foram seus, porque não só eram livros impróprios de um grande senhor, mas inda desnecessários no mundo. E que se haviam de proibir e se concedessem ao menos só a frades ociosos que perdessem neles o tempo e o miolo. E se V. S. se achasse aqui nas conversações dos mais doutos e eruditos, e inda nos camarins dos cardeais, onde eles se atrevem a falar livre, lhes vira escarnecer dos livros desta matéria (Carta de Vicente Nogueira para Marques de Nisa – 2 de Fevereiro de 1647 – UM DIALOGO EPISTOLAR, 2011, p 84)

É claro para Nogueira o que vale não é a quantidade mais sim a qualidade onde deve-se figurar livros raros que não se acham em qualquer lugar. Um biblioteca deve ser “um jardim de várias flores, mas não para frades, mas para o que de cada ciência e faculdade poderia escolher um scientíssimo dela, e enfim o que eu nestes doze anos de Roma, trocando e comprando, pude achar mais singular” (Carta de Vicente Nogueira para Marques de Nisa – 2 de Fevereiro de 1647 – UM DIALOGO EPISTOLAR, 2011, p 85)

Neste jardim floriram diversos autores, muitos deles podem ser facilmente identificados. Embora não soubesse ler outros idiomas muito bem nos pedidos que faz a Nogueira vemos livros em latim, espanhol, francês e etc. Apenas como exemplo segue alguns autores citados:

- Paulo SARPI, Trattato dell' interdetto della santita di papa Paulo 5. nel quale si dimostra, che egli non e legitimamente publicato..., Veneza
- Paulo SARPI, Discorso dell'origine, forma, leggi, ed vso dell'Vfficio dell'Inquisitione nella citta, e dominio di Venetia...
- Jean BODIN, De Republica libri sex, latine ab autore redditi, multo quam antea locupletiores
- Melchior GOLDAST, Monarchia S. Romani imperii, siue Tractatus de



iurisdictione imperiali seu regia, & pontificia seu sacerdotali...

- Justus LIPSIUS, *Politicorum siue Ciuilis doctrinae libri sex. Qui ad principatum maxime spectant. Additae Notae auctiores...*
- Pedro Fernandez NAVARRETE, *Conseruacion de monarquias y discursos politicos sobre la gran consulta que el conseio hizo al senor rey don Filipe tercero...*,
- Diogo de COUTO, *Decada quarta da Asia, dos feitos que os portugueses fizeram na conquista e descobrimento das terras, & mares do Oriente...*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, no Collegio de Santo Agostinho, 1602,
- João de BARROS, *Decada primeira [-terceira] da Asia de João de Barros. Dos feitos que os portugueses fezerão no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente...*, Lisboa, Jorge Rodriguez: aa custa de Antonio Gonçalvez mercador de livros, 1628

No que tange a organização da biblioteca Vicente Nogueira surpreende o amigo ao informar que lamentavelmente não estava com o trabalho que escreveu sobre o assunto e que o mesmo ficou em Madri⁵. Para compensar a falta Vicente Nogueira faz um resumo do seu trabalho ensinando a Nisa como devia organizar a sua bibliotecas, quantas janelas, quantas prateleiras, como arrumar e etc. Muito próximo ao que escreveu Prospero Podiani em “De Bibliothecis instituendis, disponendis et informandis” (FRATONI, 2017), que certamente deve ter lido. Prospero Podiani, nascido provavelmente em Perúgia na península itálica por volta de 1536 é tido como humanista pelos seus biógrafos. Desde jovem recolhia e comprava livros e foi na sua juventude que escreveu o ensaio acima referido, que teria sido usado como base para a obra de Gabriel Naudé⁶.

Comparando a forma com que Vicente Nogueira pede ao Marques de Nisa que

⁵ Este manuscrito a qual Vicente Nogueira se refere encontra-se perdido atualmente

⁶ Nascido em Paris, no ano de 1600, durante a maior parte da vida, dedicou-se aos estudos de política, sem todavia se limitar às realizações teóricas: membro da intelectualidade francesa da época e homem de gabinetes, o autor dá início em 1622 a sua carreira de bibliotecário, em função da qual viajaria a Roma e viria a servir aos cardeais Bagni e Barberini, entre 1631 e 1642. O mesmo cardeal Barberini na qual Vicente Nogueira também serviu. De volta a Paris, assumiria a biblioteca do cardeal Mazarino (sucessor de Richelieu), trabalho que exerceria até falecer, em 1653. Distante de sistemas filosóficos estruturalmente rígidos e inflexíveis, a obra de Naudé deve ser dividida basicamente entre os primeiros escritos e os posteriores trabalhos de maturidade. Limitada principalmente a panfletos políticos e críticas a contextos particulares, a fase inicial da produção textual do autor oferece destaque ao livro *Advis pour dresser une bibliothèque*, de 1627



organize a sua biblioteca com a forma que Prospero Podiani aconselha de como deveria ser uma biblioteca realmente organizada temos o seguinte:

PROPOSTA DE VICENTE NOGUEIRA	PROPOSTA DE PODIANI
<p>1.º – Teologia onde estariam os livros de escolástica expositiva, santos padres, livros espirituais, teologia moral ou casos, bíblias naquela língua, controvérsias contra judeus, mouros, hereges, vidas de santos, histórias eclesiásticas, exortações às virtudes e viver cristão, pregações, etc.</p> <p>2.º – Jurisprudência. Neste item estariam os livros de leis romanas, direito canónico e civil, leituras, conselhos, decisões, tratados, vidas de jurisconsultos, histórias de várias formas de judi, ordenações, mas latinas, etc.</p> <p>3.º – Medicina, em que se compreende não só a curativa, mas a preservativa, cirurgia, virtudes de ervas símplices, textos de Hipócrates, Galeno, Avicena, livros de anatomia, livros de exercitações corporais.</p> <p>4.º – Filosofia, em que entra a divisão de natural, sobrenatural, platónica, aristotélica, química, paracélsica, as lógicas, Ramea de Melantão, os cursos de filosofia, os tomistas, escotistas, etc.</p> <p>5.º – Matemática, geometria, álgebra, aritmética, astronomia, astrologia, música, não de cantar mas de compôr, livros de arquitectura, fortificações, arte de navegar.</p>	<p>Ao descrever o conteúdo bibliográfico de cada classe Podiani inseria comentários, notas, observações que dizem respeito o conteúdo real das obras, a perspicácia de alguns autores, se era atual ou não e etc. Fazendo uma síntese de forma esquemática o sistema elaborado por Podiani seria da seguinte forma:</p> <p>Primeira Classe: Artes Liberais (Gramática, Lógica, Retórica, Aritmética, Geometria, Música, Astronomia)</p> <p>Segunda classe: Filosofia, Medicina, Direito, Teologia</p> <p>Terceira classe: História, retórica, poesia</p> <p>Quarta Classe: trabalhos multidisciplinares</p>

6.º – Histórias, primeiro os teóricos, quero dizer, os autores que dão preceitos e ensinam compô-las; e depois as mesmas, começando pelas cronologias, sem as quais tudo é cegueira, e depois as histórias universais, e depois as particulares, geografias, atlantes, Ortelios, Laerto, muito dicto, e todas as navegações, etc. Ultimamente, livros políticos, já de ministros que andaram com a mão na massa, já de homens ociosos, que desde o seu canto cuidam governar o mundo, livros de alvitreiros.” (Carta de Vicente Nogueira para Marques de Nisa – 21 de Outubro de 1647 – UM DIALOGO EPISTOLAR, 2011, pp 132-133)

Nogueira admirava o Marques e tecia a ele diversos elogios. Por sua vez Nisa procurou seguir as instruções de Nogueira a ponto de confessar que logo após a sua chegada da segunda embaixada colocou três pessoas a seu serviço para organizar a biblioteca. Ambos se preocupavam com todos os detalhes. Por curiosidade foi de Nogueira a ideia de fazer Inocencio X (por quem não nutria um pingão de simpatia) excomungar os ladrões de livro o qual não obteve sucesso. Alias, o roubo de livros parecia ser comum em Roma e muitas são as referencias disto em suas cartas, a ponto de certa vez confidenciar ao amigo que suspeitava ter comprado um livro roubado pois estava muito barato.

Em 1649 Nisa finalmente abriu a sua tão sonhada biblioteca e pode observar que muito poucos eram seus frequentadores. Não era bilíngue e nem sempre tinha tempo de frequentar o que tanto lutou para construir. Tentou transforma-la em um lugar de homens doutos, mas tudo o que conseguiu foi transformar o elegante salão de livros em um salão de jogos. Em 1650 decidiu fechar a biblioteca e o assunto dos livros foi diminuindo em sua correspondência assim como a frequência com que escrevia a Nogueira. Segundo José Adriano a finalidade da montagem desta biblioteca não foi outra se não a formação e a informação de seu dono e o fracasso se deu pois nem Nisa tinha tempo para aproveitar os seus livros e nem público para admirar as suas obras sendo assim uma biblioteca morta.



Nisa pode não ter conseguido manter aberta a tão sonhada “maior biblioteca de Portugal” mas o seu interesse pelos livros criou laços de amizade que nem a distancia conseguiu apagar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Fernando Bouza. Para qué imprimir De autores, público, impresores y manuscritos en el Siglo de Oro. *Cuadernos de Historia; Moderna*, Madrid, n 18, p. 31-50, 1997.

_____. *Portugal no Tempo dos Filipes: política, cultura e representações (1580-1668)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.

_____. *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro*. Marcia Pons: Madrid, 2002.

_____. Cultura escrita e história do Livro: a circulação manuscrita nos séculos XVI e XVII. *Leituras*, Lisboa, nº 9-10, p 40-71, Outono de 2001-Primavera de 2002.

_____. *Papeles y opinión: políticas de publicación en el Siglo de Oro*. Madrid: Editorial CSIC, 2008.

_____. Papeles, Batalha y Público Barroco. La guerra y La restauração Portuguesa em La publicísta Española de 1640 a 1668. *Hipertexto*, 2005. Disponível em <<http://www.frenteira-alorna.pt/Textos/papelesbatallas.htm>> Acesso em: 09 de set. 2015.

ANASTÁCIO, Vanda (Coord). *Correspondências: usos da carta no século XVIII*. Lisboa: Edições Colibri, 2005.

_____. Conflitos e contactos na Ibéria: as relações entre Portugal e a Catalunha em 1640 nos “Papéis” da Restauração. In: BRANDERBERGER, Tobias, Elisabeth Hasse, Lydia Schmuck(Orgs). *A Construção do outro: Espanha e Portugal frente a frente*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2008, pp 59-85. Disponível em <[http://www.vanda-anastacio.at/articles/1_CONFLITOS%20E%20CONTACTOS%20VERSAO%202_1locked.p](http://www.vanda-anastacio.at/articles/1_CONFLITOS%20E%20CONTACTOS%20VERSAO%202_1locked.pdf)
df> Acesso em: 09 de set. 2015.

CARVALHO, José Adriano de Freitas. El club de los señores de las bibliotecas muertas? Nota a propósito de la librería del primer marqués de Niza em el Portugal de mediados del siglo XVII. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (ed). *Libro y lectura en la península ibérica y américa (siglo XIII a XVIII)*. Madrid: Junta de Castilla y León, 2003

DARNTON, Robert. História intelectual e cultural. In: DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. *Los Best Sellers Prohibidos en Francia antes de la revolución*. Buenos Ayres: Fondo de Cultura, 2008



FRANÇA, Eduardo D'Oliveira França. *Portugal na Época da Restauração*. São Paulo: Hucitec, 1997.

FRATONI, Maria Alessandra Panzanelli. *L'ordinamento delle raccolte: Podiani e Mariottelli*. 2017.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. p. 167-182 in: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (cords). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001

SERAFIM, João Carlos Gonçalves. *Um Diálogo Epistolar D. Vicente Nogueira e o Marques de Niza (1615-1654)*. Lisboa: CITCEM, 2011

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. *O rei no espelho: a monarquia portuguesa e a colonização da América 1640-1720*. Hucitec: São Paulo, 2002.